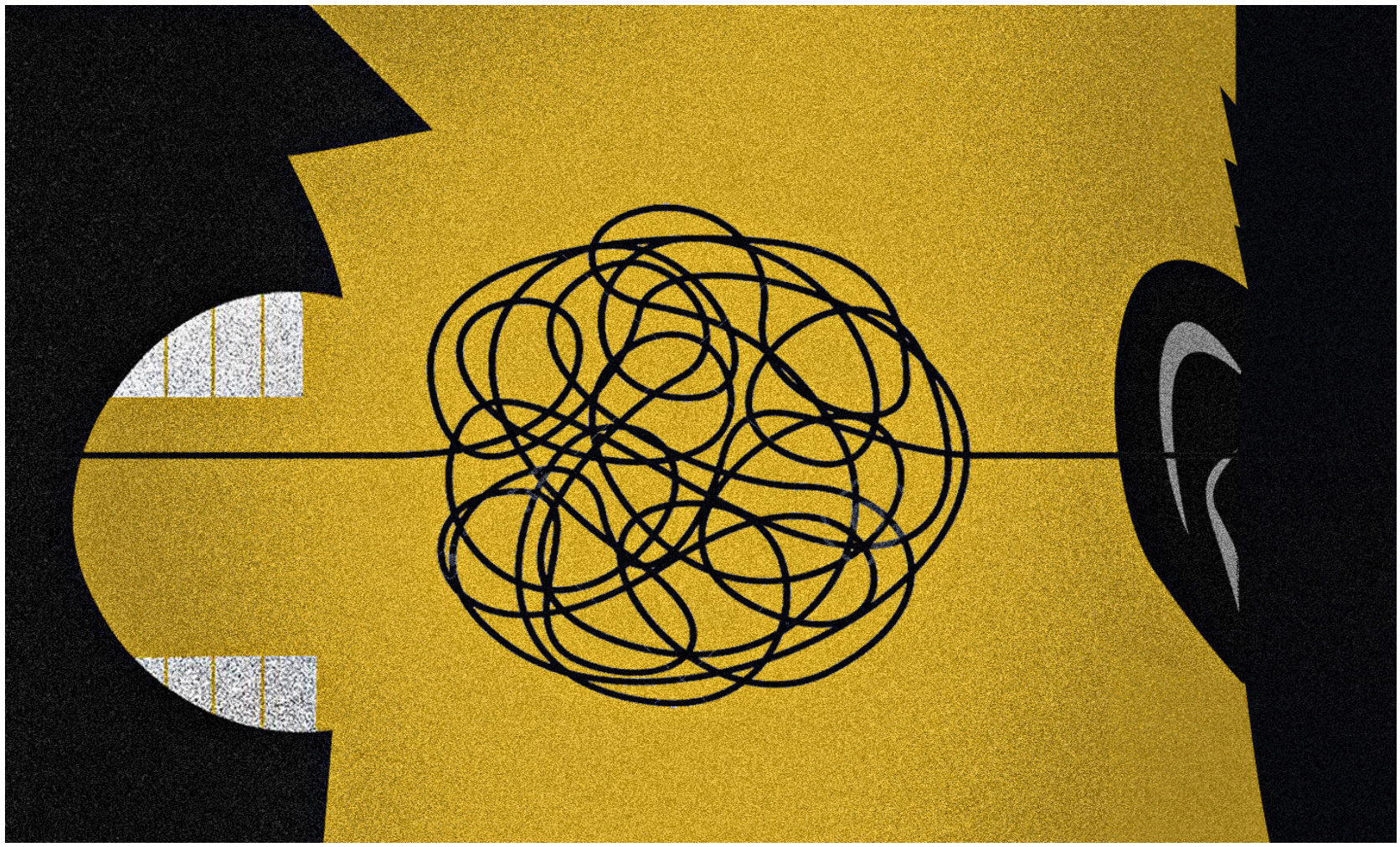
Por Paloma Oliveto
paloma.oliveto@cbpress.com.br



Telefone sem fio

Bons tempos aqueles em que o telefone sem fio era só uma brincadeira. Você falava alguma coisa e, após passar por uma fila de crianças, a mensagem chegava ao fim completamente deturpada.

Pois parece que, hoje, vivemos num eterno telefone sem fio, com a diferença de que nem é preciso estar no fim da fila para entender tudo errado. A falta de interpretação de texto — escrito ou falado — é assustadora, abrindo caminho para conflitos que, nas redes sociais, viram "textões" indignados.

Dia desses, um perfil de memes publicou a mensagem: "Em janeiro, o trânsito flui tão bem, que vou lançar um movimento pelo fim das escolas". A inocente piada, que brincava com o fato de que, nas férias, menos carros circulam, desencadeou uma enxurrada de críticas.

O primeiro comentário sugeria ao autor do post lançar um movimento pela valorização dos professores e a qualidade da educação; o segundo defendeu que o ensino domiciliar era uma estratégia da direita para acabar com o pensamento crítico. Opiniões intermináveis, que fazem pensar como alguém dedica tanto tempo para rebater uma mensagem antes de sequer se dar ao trabalho de decodificá-la.

Sim, há muito texto mal escrito nas redes e fora delas, assim como inúmeras situações no dia a dia que induzem entendimentos equivocados. A psicologia tem até um termo — a ilusão da transparência — para designar a crença de que nossos desejos, sentimentos e intenções estão extremamente claros, ainda que tenhamos nos esforçado pouco para fazê-los compreensíveis.

Há diversos relatos sobre como a falta de comunicação provocou tragédias na história. Em 1968, o escritor norte-americano William Craig publicou *A queda do Japão*, em que narra como a interpretação errada de uma palavra contribuiu para o bombardeio de Hiroshima e Nagasaki pelos Estados Unidos.

Questionado por repórteres sobre os termos de rendição, o premiê Kantaro Suzuki respondeu "mokusatsu", querendo dizer que, naquele momento, não tinha nada a declarar (o termo deriva de "silêncio"). As agências de notícia internacionais optaram por outro significado e publicaram que o líder japonês mandou avisar que "não valia a pena comentar" a proposta. Em 6 e 9 de agosto de 1945, mais de 210 mil pessoas morreram, vítimas de bombas nucleares.

Parece que, hoje, com o volume incalculável de informações circulantes, mais do que nunca a dificuldade de interpretar textos simples acaba deflagrando declarações de guerra no cotidiano. Brigas, ofensas e ameaças pipocam nas publicações, oferecendo não um prato cheio, mas um banquete para o estudo de cientistas sociais.

Aqui entre nós, tenho o palpite de que não se trata de dificuldades linguísticas, tampouco de leitura apressada. Com tanta gente opinando sobre tudo o tempo todo, parece que o desespero para sermos ouvidos acaba anestesiando o cérebro. Os dedos atropelam o raciocínio, passam por cima do bom senso. E, assim, saímos lançando nossas bombas.